

Conduzindo por uma terra inabitável: *Excuse me, while I disappear* de Michael MacGarry

Driving through an uninhabitable land: Excuse me, while I disappear by Michael MacGarry

Conducir por una tierra inhabitable: Excuse me, while I disappear de Michael MacGarry

Valdir Pierote Silva

Universidade de São Paulo

E-mail: v.pierote@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8763-3879>

RESUMO:

O artigo segue alguns componentes do vídeo *Excuse me, while I disappear*, do artista Michael MacGarry, mobilizando fragmentos cotidianos do protagonista da produção, um varredor da cidade angolana de Kilamba Kiaxi. Trata-se de um ensaio que, a partir das proposições de MacGarry, discute o desaparecimento de formas de vida por meio da imposição de existências serializadas em uma cidade tecnoautoritária moderna.

Palavras-chave: Arte contemporânea africana. Angola. Urbanismo. Capitalismo contemporâneo.

ABSTRACT:

The article follows some components of the video *Excuse me, while I disappear*, by artist Michael MacGarry, mobilizing daily fragments of the protagonist, a street sweeper from the Angolan city of Kilamba Kiaxi. Based on MacGarry's propositions, this essay discusses the disappearance of life forms through the imposition of serialized existences in a modern techno-authoritarian city.

Keywords: African Contemporary Art. Angola. Urbanism. Contemporary Capitalism.

SILVA, Valdir Pierote. Conduzindo por uma terra inabitável: *Excuse me, while I disappear* de Michael MacGarry

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 26, set-dez. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.35750>>

RESUMEN:

El artículo sigue algunos componentes del video *Disculpe, mientras desaparezco*, del artista Michael MacGarry, movilizando fragmentos cotidianos del protagonista de la producción, un barrendero de la ciudad angoleña de Kilamba Kiaxi. Es un ensayo que, a partir de las proposiciones de MacGarry, discute la desaparición de formas de vida a través de la imposición de existencias serializadas en una ciudad tecnoautoritaria moderna.

Palabras clave: Arte africano contemporáneo. Angola. Urbanismo. Capitalismo contemporáneo.

Introdução

Para o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), a África é a última fronteira do capitalismo, e as lutas que marcam esse contexto ocorrem, há décadas, em variados flancos, seja no campo das materialidades, seja no das imaterialidades. Tal disputa mobiliza maneiras de imaginar e desejar e, ao mesmo tempo, coloca em jogo componentes concretos como recursos naturais, objetos manufaturados e formas de organização e construção das moradias humanas. Os avanços do capitalismo na África parecem operar tanto para domínio e governo dos territórios e das populações, impondo uma lógica de exploração infinita das pessoas e das coisas, como para efetivar a monetarização das sociabilidades e a privatização das dimensões do comum.

Atento a esse complexo emaranhado, o artista sul-africano Michael MacGarry encontra no condomínio-cidade Kilamba Kiaxi, em Angola, um certo “terminal” que condensa e mistura diversas questões que caracterizam as batalhas dos atuais *fronts* do capitalismo no continente africano. A partir desse cenário, ele criou um pequeno vídeo cujo título é *Excuse me, while I disappear* (2014). Trata-se de uma produção que acompanha o cotidiano de um varredor de Kilamba Kiaxi, espaço construído por sino-empresendedores a 25 quilômetros de Luanda, inspirado nos bairros suburbanos estadunidenses. Inicialmente, esse empreendimento imobiliário foi projetado para sanar o déficit habitacional da região metropolitana da capital angolana, mas, por conta de uma forte especulação imobiliária, tornou-se extremamente inacessível para a maior parte da população (VIDEOBRASIL, 2015). Kilamba Kiaxi transformou-se, então, em uma cidade fantasma, habitada por empregados, como o jovem rapaz que vemos no filme, em suas precárias condições de trabalho, até desaparecer.

A obra evidencia tentativas de modelagem e uniformização por meio de modos de vida diretivos associados a exercícios de hegemonia, além de abordar as complexas questões relacionadas às investidas chinesas no continente africano. Por meio de *Excuse me, while I disappear* é possível

também indagar as propostas desenvolvimentistas e os modelos de existência implementados mundo afora em associação à financeirização globalizada, que destroem modos locais de viver em favorecimento de existências serializadas.

Nesse sentido, nosso propósito com este artigo é acompanhar algumas linhas acionadas por MacGarry em seu vídeo¹ e colocarmo-nos diante de Kilamba Kiaxi, buscando compreender o que desapareceu para dar lugar a essa cidade nova e à forma de vida a ela vinculada, bem como problematizar o que foi entregue em compensação.

Kilamba Kiaxi, uma cidade moderna

Quando você cria alguma coisa, não dá pra controlar o que vai acontecer ou pra onde as coisas vão. Quando eu vejo o que a gente fez, mano, meu coração vai a mil, tá ligado? Começa a bater mais rápido, não consigo dormir. Só penso nisso. A gente vê as coisas de um jeito diferente. (MACGARRY, 2014).

É com esse enunciado, falado em um dialeto paulistano do português do Brasil, que *Excuse me, while I disappear* inicia seus quase 20 minutos de filme, cujo estilo transita pelos documentários etnográficos, pela ficção científica africana e por uma certa estética visual chinesa.

Após a narração introdutória, surgem na tela grandes cargueiros ancorados sobre as águas de um mar calmo, em uma tarde crepuscular. Logo depois, aparece um rapaz descascando uma raiz, talvez mandioca, em um quintal com muitas árvores. Em uma outra tomada, carros seguindo por grandes vias, autoestradas. Depois, o vídeo volta a se concentrar no jovem, que, dessa vez, caminha por um local ermo, com uma vassoura na mão, som de grilos ao fundo. Aos poucos, ele se aproxima de um amontoado de prédios novos, ordenados ao estilo de condomínios de subúrbio. Há poucas pessoas circulando pelas ruas, bastante vazias. O rapaz passa então a varrer o local, embora essa atividade pareça sem função, uma vez que a poeira e o lixo ao redor nunca diminuem. Em certa altura, ele senta-se em um banco de jardim, onde usa o celular e come um pacotinho de biscoitos. Em seguida, volta a varrer e, ao mesmo tempo, observa um prédio de onde sai um morador. Aproveita-se da porta aberta por essa pessoa para entrar no edifício e romper a rotina laboral. À medida que ele sobe as escadas, torna-se forte a sensação de espaço esquadrinhado. Uma nova tomada

SILVA, Valdir Pierote. *Conduzindo por uma terra inabitável: Excuse me, while I disappear* de Michael MacGarry

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 26, set-dez. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.35750>>

ressalta esse aspecto ao mostrar algumas famílias conversando em suas sacadas, justapostas e separadas, cada uma em seu lugar. O jovem varredor entra em um dos apartamentos e assiste a um programa na TV transmitido em língua inglesa. Toca uma sirene, com som alto. Parece um alarme: um aviso de que é preciso voltar ao trabalho? No entanto, em vez de retomar suas atividades, o rapaz sobe até o terraço do prédio, onde muitas antenas se empoleiram. Lá, olha a paisagem e desaparece como fumaça... O filme termina com um panorama do condomínio, marcado pelo vazio de pessoas e pelo horizonte delineado por prédios.

Além do vídeo em si, há um significativo acervo de imagens disponíveis na internet relacionadas a Kilamba Kiaxi. Duas delas chamam atenção. Inicialmente, destaca-se uma fotografia, presente em uma matéria jornalística sobre o empreendimento², que retrata a cidade em perspectiva aérea, revelando uma distribuição uniforme dos prédios e o início de grandes avenidas em linhas retas. Impressiona também a devastação do terreno, procedimento necessário para a limpeza do espaço e para a construção das fundações.

Em uma outra imagem, disponível no *site* da construtora chinesa CITIC, é possível observar outro recorte de Kilamba Kiaxi: a obra já finalizada, marcadamente desértica. Não há ninguém nas ruas, nas escolas, nos campos de futebol. Não são vistos carros ou transeuntes. Por outro lado, multiplicam-se os pequenos quadrados e retângulos que são as janelas e sacadas dos apartamentos. Pontos de enquadramento dificilmente distinguíveis, profusos em um mar de prédios.

Trata-se de um modo de organização espacial que otimiza o aproveitamento de metros quadrados e simultaneamente organiza corpos e núcleos familiares, identificados por números ou mesmo por combinações alfanuméricas: 1F, C32, 88E. Uma forma de habitar que produz anonimato e regula relações por meio da uniformização de comportamentos e do enquadre de distinções em um regime de limites contratuais.

Para quem é egresso de sociabilidades mais comunais, pode ser difícil viver em Kilamba. Não se trata apenas de mudar-se para um condomínio, mas de aderir a um tipo de governo sobre a vida que sanciona ritmos, movimentos, pausas, velocidades. As crianças não podem fazer algazarra, as músicas não devem ultrapassar determinado volume, é preciso esperar o elevador, há o dia para pagar a taxa coletiva, há advertências, o aluguel ou a hipoteca. Entre muitos elementos, existe aí

uma monetarização das relações, que passam a ser codificadas mediadas sobretudo pelo dinheiro. O barulho de um vizinho pode tornar-se uma multa financeira, do mesmo modo que o conserto de uma válvula hidráulica dificilmente será o favor de um morador amigo, pois há de ser necessário um técnico remunerado.

Construída nessa perspectiva, Kilamba Kiaxi compreende 64,1 km² de área e 750 prédios de apartamentos concluídos em 2012, mas que até o início de 2013 permaneceram quase totalmente vazios em virtude do alto valor das residências. Nesse projeto, foram construídos 20.000 apartamentos para 160.000 pessoas, com valores de US\$ 120.000 a US\$ 200.000 cada. Contudo, a maior parte dos angolanos ganha menos de US\$ 2 por dia, e Kilamba tornou-se inacessível inclusive para a pequena burguesia local. Para diminuir a vacância, o governo de Angola implementou um esquema de subsídios que possibilitou a compra dos apartamentos por uma parte da classe média urbana (CAIN, 2014).

Criada em um local ermo, a exemplo de vários espaços construídos na China nos últimos anos, Kilamba Kiaxi é o maior projeto habitacional angolano, cuja execução ficou a cargo da construtora chinesa CITIC, que, por sua vez, teve seu financiamento lastreado pelos fundos da petroquímica estatal Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol). Estima-se que o empreendimento tenha custado 3,5 bilhões de dólares. Contudo, a cidade sofre recorrentes falhas no suprimento de água e energia elétrica, além de ser um local quase exclusivamente destinado a habitações, desprovido de bibliotecas, cinemas ou centros culturais, o que revela o privilégio dado aos espaços de caráter individual no lugar de equipamentos coletivos (MACGARRY, 2016). Em reportagem da Rede Angola de 2014, intitulada “Eu comprei, mas não me mudei...”, moradores contam histórias do cotidiano dessa cidade; um deles assevera: “[...] viver no Kilamba é dormir! É acordar às 4h40, sair de casa às 5h00 em ponto e chegar à cidade (Luanda) às 5h30/5h40.” (D’ALVA, 2014). Nesse sentido, o condomínio, além de subpovoado, funciona como município dormitório, o que, às vezes, confere ao lugar uma atmosfera fantasmagórica.

Trata-se de um espaço urbano projetado segundo uma visão moderna, racionalista e utópica que se efetua por meio de linhas retas, divisões em unidades e blocos, além de concatenamentos funcionais (GOMES, 2005). A cada elemento, correspondem uma função e uma determinada divisão, sob o olhar de uma vigilância hierarquizada: o síndico ou administrador, que, no contemporâneo,

associa-se também aos diversos olhos das câmeras de segurança. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas.” (FOUCAULT, 1987, p. 118). Com tais mecanismos, cria-se um tipo de ortopedia política direcionada para adaptação, treinamento e apaziguamento dos indivíduos e das populações, efetuando-se uma standardização das atividades humanas, que vão desde como fruir o ócio e o lazer a como trabalhar e se relacionar em uma comunidade.

Com efeito, configura-se um grande pedaço de terra onde uma classe específica de pessoas dorme, alimenta-se, recobra as forças e volta a trabalhar. Um modo de viver que fornece uma sensação de previsibilidade ligada a uma cadência tempo-espacial, e que também pretende produzir sentimento de segurança, associado à segregação.

O urbanismo que caracteriza esse contexto opera, portanto, com as ideias de homogeneização e controle, que exigem estratégias de monitoramento e registro. Trata-se de um território cujas fronteiras criam um interior supostamente ordenado, preenchido por vidas que seguem padrões predeterminados e que buscam evitar o contato com qualquer tipo de imprevisibilidade; uma organização de caráter moderno cujos pilares são as noções de planejamento, segregação e uniformidade – tríade que sustenta fantasiosamente a ideia de unidade (DUNKER, 2017; GOMES, 2005).

No entanto, embora as discussões urbanísticas contemporâneas (MEYER, 2006; ROLNIK, 2009) procurem superar essa visão e compreendam as cidades como complexos emaranhados que exigem alta conexão, hibridação e colaboração, essa forma de construir territórios humanos ainda tem muita força e, Planeta afora, proliferam inúmeros subúrbios afastados e rigidamente ordenados, com circulações dependentes de automóveis e relações de vizinhança enquadradas em contratos liberais.

Assim, MacGarry nos apresenta uma cidade inventada do nada, ao mesmo tempo que aciona vários elementos para pensar a construção moderna dos territórios humanos. Além disso, o artista lança uma pista a respeito da dimensão ficcional de qualquer espaço, especialmente quando recorre, ao fim do seu vídeo, a um poema musicado, uma ode a Luanda, de Eleutério Sanches³. Pela *internet*, é interessante observar a existência de vários *teasers* oficiais elogiosos ao empreendi-

mento de Kilamba Kiaxi, em flagrante distância entre a realidade de quem vive ali e o mundo idílico projetado nos vídeos promocionais⁴, revelando, desse modo, uma política estética que suprime imagens reais em favorecimento de visões ideais.

Cidade nova, homem novo: modernidade alternativa em Angola

Os diversos tipos de organizações urbanas trazem consigo uma visão de homem e proporcionam uma intersecção entre espaço e subjetividade, na qual, por sua vez, são produzidos amálgamas de indivíduos que se identificam, se contornam e interagem em um território – as comunidades. Seguindo esse caminho, quais seriam as concepções de pessoa e de coletivo que acompanham Kilamba Kiaxi?

De saída, parecem existir dois grandes grupos associados ao empreendimento: os moradores e os empregados (da construção e da manutenção), além de outro conjunto menor, que compreende os agentes ligados aos investimentos e aos governos de Angola e da China. No entanto, apenas os primeiros convivem ou conviveram intensamente com o espaço da cidade.

A certa altura do vídeo, podemos observar o varredor de Kilamba Kiaxi, protagonista de *Excuse me, while I disappear*. Quem é esse homem? Corpo forte, alinhado, disciplinado, mas que muitas vezes, no filme, deixa escapar devaneios, certa melancolia e tédio. E quem são os moradores desse condomínio? São os destinatários dos apartamentos, de quem se espera a adesão a um tipo de vida regulada que deve transcorrer sem disfunções, em equilíbrio, no interior de uma estrutura planejada e sob um discurso da previsibilidade.

Com efeito, pode-se ainda indagar a expressão que dá nome a cidade. O que significa, afinal, “Kilamba Kiaxi”? Por que é chamada desse modo? Em kimbundo, língua falada pelos povos Mbûndu, habitantes da região de Luanda, o termo quer dizer “terra de Agostinho Neto”, político que foi o primeiro presidente de Angola. *Kiaxi* refere-se a “terra” e *Kilamba* pode ser traduzida como “o condutor dos homens”, codinome dado ao referido presidente (REDE ANGOLA, 2015).

Agostinho Neto liderou o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), grupo que lutou pela independência daquele país entre 1961 e 1974 e que, após o fim da guerra de libertação contra o colonialismo português, institucionalizou-se como partido político. Em 11 de novembro de 1975, o MPLA, em ruptura com outros movimentos nacionalistas, proclamou de forma unilateral a independência de Angola e seu líder foi feito presidente, sem aval de eleições gerais. Quatro anos mais tarde, Agostinho Neto faleceu e foi sucedido por José Eduardo dos Santos, que era o seu ministro do planejamento num regime de governo de partido único (ANDRÉ, 2004; ARAUJO, 2005; BITTENCOURT, 2008; PINTO, 2011; SERRANO, 2008).

As lutas do MPLA pela emancipação política de Angola decorreram de inúmeras ações contra o poder colonial português, iniciadas já no fim da década de 1940. O movimento constituiu-se por meio de grupos nacionalistas formados por intelectuais nacionais que residiam na metrópole e por outros integrantes que viviam na própria colônia (BITTENCOURT, 2008). O MPLA teve importante atuação na defesa da independência de Angola durante a guerra contra a colonização portuguesa e, em momento histórico marcado pela Guerra Fria, era vinculado ao bloco soviético. Defendia, portanto, certas concepções de socialismo, além de considerar imperativo combater práticas locais em favor do projeto comunista, buscando suprimir o que era tido como tribalismo e regionalismo, uma vez que, naquela visão, tal modo de organização social mais fragmentária prejudicava projetos de luta comum e vinha sendo instrumentalizado pelo colonizador para criar secessões e manter o seu domínio⁵. Ao assumirem o poder, Agostinho Neto e o MPLA afirmavam ser os genuínos representantes do povo angolano e os responsáveis pela luta contra o imperialismo e o colonialismo; luta dirigida a partir dos comandos políticos, econômicos e sociais da nação. Para tanto, consideravam como imprescindível a construção de unidade e identidade nacionais (ANDRÉ, 2004; ARAUJO, 2005; BITTENCOURT, 2008).

Foi também nesse humor que nasceu outra importante expressão do referido projeto político: “o homem novo”. Trata-se da ideia de que é necessário produzir angolanos promotores e defensores de uma modernidade alternativa, ancorada em leituras do socialismo, com princípios fincados na disciplina, na produtividade, na centralidade do trabalho e na negação das formações sociais fortemente baseadas em identidades étnicas (ARAUJO, 2005; PINTO, 2011). Nesse sentido, a “tarefa fundamental é a de transformar o homem tribalizado, cheio de preconceitos raciais e de classe,

num homem verdadeiramente livre” (AGOSTINHO NETO, 1985, p. 48). Rejeitavam-se as tradições dos vários grupos locais, compreendidas como primitivas e atrasadas, como entraves ao progresso e ao desenvolvimento. Era necessário, portanto, nas palavras de Agostinho Neto (1976, p. 1), “destruir o velho para construir o novo”.

Com efeito, o Estado iniciou um processo de homogeneização com o propósito de formar uma unidade nacional, agrupando as populações de todo o País, de todos os territórios e as etnias, sob a rubrica genérica de “angolanos” (ARAUJO, 2005). “De Cabinda ao Cunene⁶, Um Só Povo, Uma Só Nação⁷” era uma das frases lemas do MPLA. Atuando por meio de uma perspectiva centralizadora, o partido encarava as multiplicidades religiosas, culturais, raciais e linguísticas como negativas para o processo de tessitura do homem novo, da totalidade nacional e do desenvolvimento social. Tentava-se criar um enlace entre os diferentes grupos por meio da narração de um passado comum ligado à exploração colonialista e, paradoxalmente, também buscava-se a unificação pela alfabetização da população em língua portuguesa, idioma do colonizador (ARAUJO, 2005; PINTO, 2011). Na Lei Constitucional da República Popular de Angola de 1975, artigo 5º, lê-se:

Será promovida e intensificada a solidariedade económica, social e cultural entre todas as regiões da República Popular de Angola, no sentido do desenvolvimento comum de toda a Nação Angolana e da liquidação das sequelas do regionalismo e do tribalismo.

Nessa visada, o homem novo foi sendo construído para assumir o projeto nacional, sobretudo a partir do eixo do trabalho e da produção. Havia uma preocupação bastante concreta com a formação de quadros técnicos, uma vez que a condução da maior parte do setor produtivo era realizada pelos antigos colonos portugueses. Foram realizados grandes investimentos na área de educação, que era estratégica para a unificação do País, para a ampliação da *intelligentsia* nacional, e também para a transformação das mentalidades. Eram cobrados desse homem novo um engajamento no projeto nacionalista e uma veemente recusa aos “maus hábitos tribais”, comportamento que podia ser recompensado com reconhecimento simbólico, social e financeiro no interior do governo.

Voltando ao condomínio-cidade de Kilamba Kiaxi, é possível perceber algumas marcas do então chamado “homem novo” nessa nova espacialidade urbana: território disciplinado, técnico, organizado, sem vestígios de formações étnicas. Há também na Delta Imobiliária – grupo privado que foi

contratado para vender os apartamentos financiados pelo Estado – uma forte presença de agentes estatais, uma vez que a empresa é controlada pelo presidente da Sonangol e pelo Ministro de Estado e Chefe da Casa Militar de Angola (MACGARRY, 2016).

Evidencia-se que nunca se deixou de conduzir homens, de se governar vidas (FOUCAULT, 1999); as formas de fazê-lo vão mudando de acordo com os jogos de poder de uma determinada época, produzindo grandes vazios geográficos e subjetivos. Trata-se da imposição de modos de existência ancorados em ideias de progresso e que compreendem a África como lugar incivilizado, atrasado, que precisa, portanto, se aproximar de modelos propostos pela empresa colonial ou neocolonial para se desenvolver. Revela-se também uma elite nacional seduzida e beneficiada por modernidades exógenas e que, a partir dessa perspectiva, trava lutas contra linguagens, sentidos e sociabilidades locais.

Condução de vidas: neocolonialismo e capitalismo contemporâneo

Nas décadas de 1960 e 1970, líderes como o ganês Kwame N’Krumah alertavam para estratégias neocolonialistas de dominação baseadas na fragmentação dos países africanos, o que ele considerava uma espécie de “balcanização” da África. Para N’Krumah (2012, p. 285),

À medida que a luta nacionalista se intensifica nos países colonizados e a independência surge no horizonte, as potências imperialistas, pescando nas águas turvas do tribalismo e dos interesses particulares, tentam criar cisões na frente nacionalista para conseguir a sua fragmentação.

Daquela época para os dias de hoje, muitos processos históricos se desenrolaram, e atualmente ocorre uma transformação do centro de dominação e de irradiação de desejos no mundo: antes muito mais ligado à Europa, agora rapidamente se direcionando à China. As estratégias também mudaram e há forte interesse nos grandes projetos nacionais, em detrimento de ações em âmbitos locais. Nesse sentido, ao comentar as parcerias entre Angola e China no *China Daily Africa*, e falando especialmente de Kilamba Kiaxi, o assessor econômico do então presidente angolano José Eduardo dos Santos, Basílio Cossoma, afirmou:

A China é um ator fundamental nos esforços de reconstrução do pós-guerra em Angola, e os líderes angolanos acreditam que a cooperação estrangeira mais segura é da China, porque Pequim nunca estabeleceu pré-condições para colaboração e nunca interfere nos assuntos políticos de outros países.⁸ (BINGFEI, 2014, tradução nossa).

No mundo pós-Guerra Fria, a China ganha cada vez mais força no novo arranjo entre os países. Nesse contexto, a África é uma importante fornecedora de recursos naturais (*commodities* agrícolas, minerais e energéticas), que são trocados por financiamento e construção de projetos infraestruturais e desenvolvimentistas, bem como por mercadorias manufaturadas e tecnologias.

Para Saraiva (2008, p. 97), a estratégia chinesa nos países africanos compreende:

a) exportação para a África do modelo chinês de tratamento dos temas da agenda internacional, apresentando-se como uma representante natural dos países em desenvolvimento; b) exportação de bens industriais e armas e importação de produtos primários; c) exploração de todas as fontes possíveis e necessárias de recursos minerais, estratégicos e de energia que garanta a sustentabilidade do crescimento econômico chinês.

De acordo com Ouriques (2014), embora a associação com a China tenha gerado diversas oportunidades, a concentração dos investimentos chineses em áreas específicas e limitadas tem contribuído para a manutenção do caráter primário das economias africanas, impedindo a diversificação das produções locais. Efetua-se, nesse viés, um paradoxo: ao mesmo tempo que os países africanos alcançam melhores condições econômicas e sociais com os investimentos chineses, seus débitos são cobrados em recursos naturais, cuja exploração gera intensas repercussões negativas na vida dos africanos (climáticas, poluição, exploração de trabalhos precários etc.), além de cristalizar uma dependência unilateral para com a China. Todo esse processo tem sido aplicado por meio de *soft power*, baseado em investimentos, financiamentos, doações e cooperações técnicas, sem claras manifestações de presunção de superioridade (SARAIVA, 2008).

Essa movimentação nas novas dinâmicas da geopolítica mundial e sua implicação no continente africano têm sido exploradas por vários artistas, não apenas por MacGarry em *Excuse me, while I disappear*. Stary Mwaba, artista zambiano, que também mobiliza em suas criações elementos da influência chinesa sobre o continente africano, considera que,

Por um lado, a China está oferecendo opções para a África. Nós não tivemos tantas opções antes. Nossa economia está crescendo porque a China está lá. Fala-se muito sobre colonização econômica, mas acho que já estava anteriormente. A China não é o único país a introduzi-la; a China está simplesmente chegando à África pela mesma razão que os europeus vieram. Por outro lado, não tenho certeza se você pode confiar neles. Eles estão pegando muita terra. Eles tratam mal os trabalhadores. Meu trabalho é sobre fazer perguntas de longo prazo. Vamos ser roubados, como sempre, ou vamos nos beneficiar? Mas acho que cabe a nós, zambianos, escolher qual direção seguir.⁹ (ROSENGARTEN, 2015, tradução nossa).

Por sua vez, o artista nigeriano Samuel Fosso segue uma linha parecida, ao assinalar que,

Na África, ninguém percebeu o que a China se tornaria no continente. Todos os países africanos foram apreendidos pela China. Eu vejo o que eles fizeram do seu próprio país com a produção de carvão e poluição. Eles vieram para cá com uma proposta de 50 anos para reconstruir a África, sob o pretexto de que a Europa não tem mais meios para fazê-lo. Agora, você vê que eles estão destruindo e saqueando os recursos naturais do continente para seu próprio interesse, a África tendo sido incapaz de desenvolver seus próprios meios de produção local. Mas se a China fosse embora, o que seria a África sem seu dinheiro?¹⁰ (CHATAP, 2017, tradução nossa).

Embora de fato existam exercícios de uma hegemonia chinesa em África, parece haver uma dimensão ainda maior: uma malha de sofisticadas ingerências sobre o modo de existir das pessoas e das comunidades, inerente às relações capitalistas transnacionais, mas especialmente evidenciada devido à posição africana na periferia do sistema capitalista (BARBOSA, 2020). Em outras palavras, percebemos um contínuo e complexo convencimento para adesão a um estilo de vida globalizado, com raízes no Ocidente, já altamente difundido e revivido na China contemporânea, e que agora parece ser transposto ao continente africano com maior radicalidade.

No caso específico de Kilamba Kiaxi, a construtora chinesa CITIC, além de erguer o condomínio, também construiu estruturas para formas de vida serializadas. Desse modo, ao ir morar no condomínio, as pessoas se mudaram também para um novo modo de existir. Com suas unidades apartadas, Kilamba Kiaxi produz homens e mulheres isolados, inseridos em uma sociedade que é vista apenas como associação de indivíduos. De certo modo, trata-se do ideal neoliberal: a sociedade como um conjunto de pessoas, desprovida de dimensão pública ou comum – apenas contratos entre partes.

Como visto, o capitalismo contemporâneo já não opera simplesmente por meio de mercadorias, uma vez que tem colonizado as imaginações, gerando sonhos, necessidades e até mesmo a ideia de que se pode ser outro. Caracterizado por uma altíssima financeirização da vida e obsolescência da mão de obra humana, o sistema neoliberal das últimas décadas tem produzido e explorado através da especulação, afastando-se de qualquer necessidade produtiva. Essa nova organização do capital reduz os horizontes imaginativos, ou seja, diminui a multiplicação de possíveis (CRAPANZANO, 2005; LAZZARATO, 2006). Pouco a pouco, a liberdade tem sido reduzida a escolher dentre possíveis já definidos, e o inesperado tem sido combatido como um mal absoluto.

Para Appadurai (2004, p. 78),

Nas duas últimas décadas, à medida que a desterritorialização das pessoas, imagens e ideias foi ganhando nova força, o fiel da balança foi-se deslocando imperceptivelmente. Mais pessoas em todo o mundo veem as suas vidas pelo prisma das vidas possíveis oferecidas pelos meios de comunicação de massas sob todas as suas formas. Ou seja, a fantasia é agora uma prática social; entra, de infinitos modos, no fabrico de vidas sociais para muitas pessoas em muitas sociedades.

Em fotografia do portfólio de MacGarry sobre *Excuse me, while I disappear*, observamos, por exemplo, crianças moradoras de Kilamba Kiayi em um apartamento, assistindo desenhos animados. Na imagem, parece que há um estreitamento da vida, cuja importante dimensão passa a ser limitada à escolha de canais de TV. Imobilizadas diante da tela, dentro de uma pequena sala de um dos inúmeros apartamentos de um vasto condomínio-cidade, elas experenciam e assimilam uma cosmologia marcada pela uniformização de presentes e de futuros, sob o governo do capital mundial integrado (GUATTARI, 1981). Há, assim, uma usurpação do direito de participar da construção de possíveis e um empobrecimento das sensibilidades por meio de esquemas pré-formulados. Pensar sobre como criar o futuro, pois, tem ficado a cargo do marketing e da publicidade.

Contudo, ainda associadas a esse capitalismo contemporâneo, estão as ideias modernistas de progresso e desenvolvimento, que persistem como justificativa e legitimação para o desaparecimento ou o apagamento de múltiplos possíveis. Para Marquez (2011, p. 26),

A ficção centenária do progresso baseia-se na estratégia de provocar sucessivos apagamentos. Esses apagamentos obedecem à vontade utópica da tábua rasa ou tábua rasurada, isto é, ao desejo de se rasurar o mundo existente para escrever ou desenhar sobre ele como sobre uma folha de papel em branco: intervir numa superfície, apagando o relevo das formas alheias ou a intenção da sua remoção e substi-

tuição por um modelo alienígena. A tábua rasurada negligencia violentamente qualquer preexistência, seja ela representada por humanos, não humanos, ocupações territoriais ou modos de vida em grupo.

Com efeito, trata-se de uma prática que consiste em tirar das pessoas o que elas têm e fazê-las desejar o que não têm. O tempo inteiro, por meio de uma máquina de captura discursiva e prática, produz-se a ilusão da necessidade do desenvolvimento, do crescimento perpétuo, da urgência em adquirir o que não se precisa e em descartar o que se tem (VIVEIROS DE CASTRO, 2011). É uma sentença de morte que, em Kilamba Xiáxi, revela-se na desolação daquele território no qual os viventes são quase assombrações em um deserto de prédios.

Considerações finais

Ao nos perguntarmos o que desapareceu em Kilamba Xiáxi para dar lugar ao homem novo e à cidade nova, evidencia-se que diversos jeitos de se relacionar com o meio e com os outros foram apagados para favorecer um único modo planejado, com horizontes imaginativos atrofiados. Por outro lado, como sublinha o varredor da obra de MacGarry, sempre haverá a capacidade de agência das pessoas e dos coletivos diante dos formatos impostos, mesmo em condições de complexas dificuldades e assimetrias. Saídas intempestivas e modos de lidar com os novos problemas surgem daí, dessa força singular que rompe com qualquer tipo de enquadramento.

Vale retornar à narração do início de *Excuse me, while I disappear*, que se encerra com a frase “a gente vê as coisas de um jeito diferente”. De certo, parece ser justamente nessa dimensão, no “jeito diferente”, na multiplicidade de produzir existências diferentes, que incide o extermínio. Nos processos de apagamento, na devastação da terraplanagem realizada para alicerçar homens novos e cidades novas, muitas formas de existir desapareceram, por soterramento ou inanição. Cada uma dessas pessoas serializadas em um modo de vida, com jeitos todos iguais, é um mundo que tende a desaparecer.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Antonio Miguel. **A formação do homem novo**: uma análise dos técnicos governamentais atuando hoje em Angola. 2004. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARAUJO, Kelly Cristina Oliveira. **Um só povo, uma só nação**: o discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola (1975-1979). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BARBOSA, Muryatan. **Razão Africana**: breve história do pensamento africano contemporâneo. São Paulo: Todavia, 2020.
- BINGFEI, Wang. Country rises from ruins of strife. **China Daily Africa**, Beijing, 9 maio 2014. Disponível: http://africa.chinadaily.com.cn/weekly/2014-05/09/content_17495476.htm. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BITTENCOURT, Marcelo. **“Estamos Juntos!”** O MPLA e a luta anticolonial 1961-1974. v. I e II. Kilombelombe: Luanda, 2008.
- CAIN, Allan. African urban fantasies: past lessons and emerging realities. **Environment and Urbanization**, London, v. 26, n. 2, p. 561-567, abr. 2014.
- CHATAP, Yves. The Lives of Samuel Fosso: A Conversation with Yves Chatap **Contemporary And**, Berlin, 6 jan. 2017. Disponível em: <https://www.contemporaryand.com/magazines/the-lives-of-samuel-fosso-a-conversation-with-yves-chatap/>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384, 2005.
- D'ALVA, Aoaní. Eu comprei, mas não me mudei... **Rede Angola**, Luanda, 1 abr. 2014. Disponível: <http://www.redeangola.info/eu-comprei-mas-nao-me-mudei/>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- DUNKER, Christian. A lógica do condomínio. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 11, p. 102-109, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRAGA, Luís. Alves de. A guerra colonial: 1961-1974. **Repositório Institucional Camões**, Lisboa, p. 1-98, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/653>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- GOMES, Marcos Aurélio A. de Filgueiras. Cultura urbanística e contribuição modernista: Brasil, anos 1930-1960. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, Salvador, v. 4, ed. esp., p. 11-29, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**. Pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**: a política do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ANGOLA. Lei Constitucional da República Popular de Angola de 1975. Disponível em: <http://cedis.fd.unl.pt/wp-content/uploads/2016/01/LEI-CONSTITUCIONAL-de-1975.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MACGARRY, Michael. **Excuse me, while I disappear**. 2014, vídeo, 19'10".

MACGARRY, Michael. **All Theory**. No Practice Kilamba Kiaxi. Beijing: Republic of China Hardcover, 2016.

MARQUEZ, Renata. Apagamentos. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 2, p. 26-27, 2011.

MBEMBE, Achille. "África é a última fronteira do capitalismo." Entrevista a Miguel Manso e António Guerreiro. **Público**, Lisboa, 9 dez. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/entrevista/africa-ultima-fronteira-capitalismo-1853532>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MEYER, Regina Maria Proserpi. O urbanismo: entre a cidade e o território. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 38-41, mar. 2006.

N'KRUMAH, Kwame. O neo-colonialismo em África. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Malhas que os impérios tecem** – textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: 70, 2012.

AGOSTINHO NETO, António. Destruir para Construir Melhor. **Semanário Angolense**, Luanda, n. 102, 20 nov. 1976. (Coleção Resistência; 5).

AGOSTINHO NETO, António. **Textos escolhidos**. Luanda: DIP, 1985.

OURIQUES, Helton Ricardo. As relações econômicas entre China e África: uma perspectiva sistêmica. **Carta Internacional**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-43, 2014.

PINTO, Tatiana Pereira Leite. Modernidade x Tradição: homem novo e o problema racial e étnico em Angola. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., jul. 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2011.

REDE ANGOLA. Distrito do Kilamba Kiaxi pode voltar a ser município. **Rede Angola**, Luanda, 3 jun. 2015. Disponível em: <http://www.redeangola.info/distrito-do-kilamba-kiaxi-pode-voltar-a-ser-municipio/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROLNIK, Raquel. Democracia no fio da navalha: limites e possibilidades para a implementação de uma agenda de Reforma Urbana no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 31-50, nov. 2009.

ROSENGARTEN, Magnus. A conversation with Stary Mwaba Aiming for the Stars. **Contemporary And**, Berlin, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://www.contemporaryand.com/magazines/aiming-for-the-stars/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SILVA, Valdir Pierote. **Conduzindo por uma terra inabitável: Excuse me, while I disappear** de Michael MacGarry

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 26, set-dez. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.35750>>

SARAIVA, José Flávio Sombra. A África na ordem internacional do século XXI: mudanças epidérmicas ou ensaios de autonomia decisória? **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 51, n. 1, p. 87-104, 2008.

SERRANO, Carlos. **Angola**: nascimento de uma nação – um estudo sobre a construção da identidade nacional. Luanda: Kilombelembe, 2008.

VIDEOBRASIL. **19º Festival Internacional de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil**. São Paulo: Sesc, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico: da necessidade extensiva à suficiência intensiva. **Sopro**, Florianópolis, n. 51, p. 1-10, 2011.

SILVA, Valdir Pierote. **Conduzindo por uma terra inabitável: *Excuse me, while I disappear*** de Michael MacGarry

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 26, set-dez. 2022

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.35750>>

NOTAS

- 1 A princípio, no Brasil, o vídeo foi apresentado no 19º Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil (2015). Atualmente, está disponível no acervo físico da Associação Cultural Videobrasil (São Paulo, SP), além de existir um pequeno trecho do material na internet, que pode ser acessado no link https://www.youtube.com/watch?v=03f_H_coypY (acesso em 5 jul. 2022).
- 2 Disponível em: <https://www.verangola.net/va/pt/032020/Imobiliario/19172/Divulgadas-listas-do-sorteio-de-lotes-de-terreno-para-constru%C3%A7%C3%A3o-no-Kilamba.htm>. Acesso em: 5 jul. 2022.
- 3 “Luanda, / Debruçada sobre o mar / Onde as ondas, uma a uma, / vêm desfazer-se em espuma, / À tua Ilha beijar... // Luanda, / Da Fortaleza em pendor, / Na expressão de uma aquarela, / Que o artista, com fervor, / Pintou majestosa e bela... // Luanda, / Do batuque p'la noitinha, / Das acácias em flor.../ És tu, Luanda rainha, / Senhora do meu amor.”
- 4 Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=MH9VGaNlaZo> (acesso em: 20 jul. 2022) e <https://www.youtube.com/watch?v=Outj1rpi6eg> (acesso em: 20 jul. 2022).
- 5 Recorrendo a agentes infiltrados e a outras estratégias, os portugueses insuflavam os diferentes grupos étnicos angolanos a aprofundar conflitos, dificultando a agregação da população na luta comum contra o colonialismo (FRAGA, 2014).
- 6 Províncias angolanas.
- 7 Conforme apontado por André (2004).
- 8 No original: “China is a key player in Angola's post-war rebuilding efforts, and Angolan leaders believe the safest foreign cooperation is from China, because Beijing has never laid down preconditions for collaboration and never meddles in the political affairs of other countries.”
- 9 No original: “On the one hand China is offering options to Africa. We did not have so many options before. Our economy is growing because China is there. There is so much talk about economic colonization, but I think that was in place already. China is not the one introducing it; China is simply coming to Africa for the same reason Europeans came. On the other hand, I am not sure if you can trust them. They are grabbing a lot of land. They treat workers badly. My work is about asking long-term questions. Are we going to be ripped-off, like always, or are we going to benefit? But I think it is really up to us, Zambians, to choose which direction to go.”
- 10 No original: “In Africa, no one realized what China would become on the continent. Every African country has been seized by China. I see what they've made of their own country with the production of coal and pollution. They came here with a fifty-fifty proposal to rebuild Africa, on the pretext that Europe no longer has the means to do so. Now, you see that they are destroying and looting the continent's natural resources for their own interest, Africa having been unable to develop its own means of local production. But if China went away, what would Africa become without its money? That's where the title emperor comes from, in view of the history of that country that has only ever lived under an imperial system.”